

Territórios visuais: design, paisagem e pertencimento entre prática artística e educação

Stephanie Johanna Dos Santos Lohmann

Introdução

Durante muitos anos utilizei o design gráfico como principal ferramenta de comunicação. Como designer, estava habituada a organizar informações, construir narrativas visuais e transformar ideias em imagens. No entanto, foi apenas nos últimos anos que comecei a perceber que o design também podia ocupar outro lugar: não apenas comunicar uma experiência, mas ajudar a compreendê-la.

As obras apresentadas neste texto foram criadas em momentos distintos da minha vida, associadas a diferentes territórios e experiências. Inicialmente, não existia a intenção de construir uma série nem de desenvolver uma investigação sobre território e identidade. As imagens surgiram de forma intuitiva, como respostas visuais a experiências vividas.

Foi mais tarde, durante o Mestrado em Investigação e Educação Estética, que comecei a reconhecer as conexões existentes entre elas e a formular uma pergunta que hoje orienta a minha investigação:

Como o design pode tornar-se uma forma de compreender experiências de território, identidade e pertencimento?

Quando criar também é investigar

Costuma-se pensar o design como uma ferramenta para comunicar algo que já sabemos. No meu caso, aconteceu o contrário.

As imagens não surgiram para ilustrar conclusões previamente definidas. Muitas vezes foi durante o próprio processo de criação que comecei a compreender experiências, organizar memórias e identificar relações que antes não estavam claras.

Ao selecionar fotografias, combinar paisagens, sobrepor elementos visuais e construir atmosferas simbólicas, percebi que estava a elaborar visualmente aquilo que tinha vivido.

O design deixava de ser apenas uma linguagem de comunicação para tornar-se também uma linguagem de reflexão.

Criar passou a ser uma forma de pensar.

Três territórios, três formas de pertencimento

A série Territórios Visuais reúne três obras associadas ao Brasil, ao Perú e à Espanha.

Mais do que representar lugares específicos, cada imagem procura explorar uma forma distinta de relação com o território.

Rio–Niterói representa a origem. Um território atravessado pela memória, pelas referências culturais e pelas paisagens que participaram na construção da minha identidade.

Cusco–Andes representa o encontro. A composição articula paisagens de Cusco com vivências pessoais na região de Áncash, estabelecendo um diálogo entre diferentes territórios unidos pela Cordilheira dos Andes. A experiência vivida no Perú revelou uma relação com a terra, com a agricultura e com os saberes locais que transformou profundamente a minha forma de olhar para o território.

Jaén representa o deslocamento. A experiência migrante trouxe novos modos de habitar o mundo e novas formas de atribuir significado à paisagem. Elementos que inicialmente me eram estranhos, como o mar

de oliveiras ou o simbolismo do azeite como “ouro líquido”, passaram a integrar a minha própria experiência. O território deixava de ser apenas um lugar externo para tornar-se parte da minha própria narrativa.

Do cartaz ao collage: imagens como espaço de aprendizagem

Uma das aprendizagens mais importantes deste processo foi perceber que a potência dessas imagens não depende da técnica utilizada.

A manipulação digital, a fotografia, o collage analógico ou outras formas de criação visual partilham uma característica comum: todas permitem construir relações entre memória, experiência e território.

O que está em causa não é apenas o resultado final, mas o processo de observação, seleção, associação e construção de significado.

Ao criar imagens, aprendemos a olhar.

E ao olhar, aprendemos também a compreender melhor aquilo que vivemos.

Considerações finais

Ao revisitar estas obras, percebo que elas não falam apenas sobre Brasil, Perú ou Espanha.

Falam sobre a forma como os territórios nos atravessam e participam da construção daquilo que somos.

Mais do que representar paisagens, procuram tornar visíveis experiências de origem, encontro e deslocamento.

Foi precisamente através da criação visual que comecei a compreender essas relações.

Nesse sentido, o design deixa de ser apenas uma ferramenta de comunicação para afirmar-se como linguagem de expressão, reflexão e aprendizagem.

Talvez seja esse o principal contributo desta série: mostrar que as imagens não servem apenas para representar o mundo, mas também para nos ajudar a compreendê-lo.

